



Informe de Greve – nº 23

Brasília-DF, 04 de junho de 2000.

Comando Nacional de Greve: Sirle (SINET-UFU), Ulisses, Hélio (ASAV-SIND), Pedro Rosa (SINTUFEJUF), Luiz Carlos Sena (SINTESAM), Ivandenir, Altair e Amador (SINDTEST-PR), Joel Vieira e Dudu (SINT-UFG), Manteiga (SINTUR), Agnaldo e Isaias (SINTUFRJ), Carlos e Antonieta (SINTUFCE), Darci (ASUFFPel), Marcia Cristina (SISTA-MS), Jorge Luiz (SINTUFSCar), Goretti e Roberto (SINTUFSC), Jorge Claudino (SINTUFEPE), Ana Ferraz (SINTESPB) e Luiz Fernando (ASSUFBA), Jair, Eriton (SINDIFES-BH).

Direção Nacional: Agnaldo Fernandes (desde 16/5), Rogério Marzola, Francisco de Assis (Chicão), Cristiano Zenaide, Ronald Pinto, Marcos Soares, Paulo Guerra, Luciana Rangel, Balbino Cosme, João Paulo Adamole, Graça Barbosa (a partir de 31 de maio), Aroldo Soares, Márcia Abreu, Fernando Maranhão (desde 2/6).

GT Carreira: Jorge e Aldo (SINTUFSC), Zé Luís (SINTUFF), Ulisses (ASAV).

Direção em São Paulo: João Paulo e Toninho.

INSTITUIÇÕES NA GREVE

NORTE: UFAC / FUA / UFPA / FCAP / UNIR **NORDESTE:** UFBA / UFS / UFAL / UFPE / UFRPE / UFPB / UFRN / UFC / UFMA **CENTRO OESTE:** UnB / UFG / UFMS / UFMT **SUDESTE:** UFES / UFF / UFRJ / UFRRJ / UNIFESP / UFSCar / UFJF / UFMG / UFOP / UFU / UFV / UFLA / ASUNIRIO **SUL:** UFPR / UFSC / UFRGS / FFCMPA / UFPEL / UFSM

TOTAL: 37

INFORMES NACIONAIS

Companheiros o relatório completo da plenária dos comandos nacionais de greve dos servidores públicos federais seguirá no próximo informativo.

Entidades presentes:

Andes, CNTSS, Condsef, Fasubra, Fenafisp, Fenajufe, Fenasps, Sinasefe e Unafisco

Resoluções:

Continuidade e fortalecimento da greve unificada dos Servidores Públicos Federais.

Dia 06 de Junho

- Atos em frente aos órgãos da previdência nos estados com o objetivo de pressionar o Ministério da Previdência em função do corte de ponto que foram vítimas os companheiros deste setor. Os Comandos Estaduais Unificados de Greve devem discutir qual os melhores locais para realizar o ato.

- Audiência com Antônio Carlos Magalhães para tratar do tema acima citado, uma vez que o Ministro da Previdência, Waldeck Ornellas é do PFL.

Dia 08 de Junho

- Dia Nacional de Luta e Solidariedade à Greve dos Servidores Públicos por Negociação Já. Os Comandos Estaduais Unificados de Greve devem garantir a ampla divulgação do ato juntamente com as CUT estaduais, uma vez que estas deverão estar convocando os sindicatos da iniciativa privada para paralisações e participação maciça no ato. A UNE já garantiu presença e convocação de todos os estudantes.

Dia 09 de Junho

- Ato na Embaixada Argentina em Brasília e nos Consulados argentinos nos estados, em solidariedade à Greve Geral dos Trabalhadores daquele país contra o pacote do Governo De la Rúa, que reduziu salários dos servidores públicos atendendo demanda do FMI. O ato também deve ser usado para divulgação de nossa greve demonstrando que os acontecimento de hoje na Argentina podem ocorrer amanhã, conosco, no Brasil. Os partidos políticos devem ser convidados.

Dia 10 de Junho

- Plenária da Fasubra

Dia 11 de Junho

- Plenária dos SPF's. Pauta: Avaliação da Greve e Encaminhamentos.

Orientações:

- A plenária orienta discussão com os parlamentares de oposição para **OBSTRUÍREM A VOTAÇÃO DA LEI DE DIRETRIZES ORÇAMENTÁRIAS (LDO) COMO FORMA DE PRESSIONAR POR NEGOCIAÇÃO JÁ.**
- Devem ser realizadas atividades com os parlamentares nos aeroportos e nos escritórios locais, entregando documentos que tratem de nossa greve solicitando **NEGOCIAÇÃO JÁ.**

AVALIAÇÃO

Uma onda de protestos e mobilizações, que marcam o fim do milênio, são o preâmbulo da retomada da resistência popular no caminho, ainda incerto, de construir novas utopias para modelar a sociedade alternativa ao capitalismo.

Dois séculos de exploração capitalista, com as diversas revoluções produtivas – técnicas e organizacionais – possibilitaram uma acumulação do capital que deveria gerar a riqueza capaz de sustentar de forma digna os seres humanos existentes no planeta terra. Não obstante, nunca a maioria das pessoas esteve tão miserável ao mesmo tempo em que uma minoria dispõe da maior parte da riqueza acumulada.

Esta semana a notícia do aumento do desemprego nos Estados Unidos provocou euforia na bolsa de valores, aparentemente um contra-senso, especialmente quando em outros países qualquer indício de crescimento no emprego é festejado. Este simples fato nos indica a necessidade de uma interpretação da conjuntura internacional para melhor situar nossa realidade para prever horizontes futuros, os desdobramentos possíveis ou imagináveis, na medida em que neste mundo globalizado os governos nacionais, excetuando os Estados Unidos e outros países do primeiro mundo, executam políticas econômicas sociais pré-determinadas amarradas e condicionadas.

A locomotiva que puxa a economia mundial – os Estados Unidos – pode perder força, assim. Uma ameaça paira sobre o mundo, a possibilidade de uma grande crise provocada a partir do *crash* da bolsa de

valores americana, que iniciaria um processo traumático para a economia mundial de uma magnitude difícil de imaginar porém com referências históricas dignas de serem levadas em conta.

Este perigo está determinando a política americana. Ainda os que apostam na possibilidade de que o governo de Estados Unidos possa controlar a situação, sabem que o custo será grande para os países subdesenvolvidos. Hoje um aumento dos juros em EEUU já forçou a medidas excepcionais na Argentina, o que poderá atingir o Brasil.

A OCDE (países industrializados) definiu um crescimento econômico de 4% este ano nos países centrais e de 3% em 2002. Recomendou ao governo dos EUA a elevação das taxas de juros praticadas pelo FED (Banco Central Americano) de 6.5% para 7.5% ao ano. A nova direção do FMI estuda reformas nesta instituição com vistas a redefinição da política de enfrentamento as recentes crises do sistema capitalista (bolsas, quebra dos países emergentes, alta do petróleo, NASDAQ...etc) que cada vez mais se manifestam com abrangência mundial, redefinindo a política de "ajuda" aos países pobres, sinalizando para os países emergentes a tendência de não mais monitorar diretamente e que tomem dinheiro emprestado aos bancos privados visando superar suas crises.

O Fórum Global realizado em Brasília recentemente debateu as regras "democráticas" para o novo ajuste. Esta movimentação dos países industrializados tem como base não apenas a tentativa de superar a crise das bolsas que aterrorizou a economia das potências emergentes nestes últimos cinco anos, mas uma tentativa traumática de manter o processo de acumulação, mantendo a ofensiva neoliberal da "nova ordem" e tentar retomar o crescimento econômico após duas décadas de recessão e de crise prolongada, tidas como "perdidas".

As consequências desta política já são conhecidas; os fluxos de investimentos se deslocam para os países centrais, há um re-equilíbrio da poupança interna destes países, suas contas públicas se ajustam e por vias de consequência o custo da crise é socializado com o resto do mundo, sobrando para os países pobres e dependentes mais desemprego, mais recessão, mais miséria.

O cenário da economia mundial não é tão alentador assim, nestes últimos dez anos o crescimento econômico se aproximou de zero, recessão e o rígido monitoramento do FMI sobre os países vulneráveis a crise foram visíveis e a principal característica desta década. A ofensiva neoliberal temperou a receita dos modelos praticados para os ajustes da "Nova Ordem".

O aumento do preço do petróleo, as incertezas do mercado financeiro americano vide NASDAQ denominada de "nova economia" e a reação social aos modelos aplicados constituem-se em elementos complicadores para a redefinição da política dos organismos internacionais lideradas pelo Banco Mundial e pelo FMI. Estas variáveis são inerentes a economia capitalista: de um lado a elevação de preços e a loucura do mercado financeiro e de outro, as trágicas consequências com elevado custo social, com o processo cada vez mais acentuado de desnacionalização das economias, destruição do tecido social, empobrecimento absoluto de continentes inteiros como África, parte da Ásia, e da América Latina.

As dificuldades reais de retomada do crescimento da economia mundial devem-se inicialmente a política de investimentos. Cada vez mais os credores internacionais exigem dos governos as garantias das taxas de retorno. (lucro máximo). Como a reestruturação produtiva e os ajustes não dão retorno de imediato, grande fluxo destes investimentos migram com mais velocidade, dado as facilidades da comunicação para o mercado financeiro, gerando cada vez mais uma economia fictícia e, via de consequência, incertezas e crises.

O esgotamento do modelo neoliberal não encontrou respostas alternativas á esquerda. Embora encontre resistência aonde se aplica, com movimentos sociais e populares ascendentes que forçam o poder político a discutir alternativas, a exemplo da malfadada terceira via. Alternativa burguesa que insiste em manter a política de ajustes monetaristas e ao mesmo tempo difundir uma sensibilização social com medidas compensatórias para amenizar o impacto das novas medidas. (Corrente política social-liberal liderada por Clinton, Toni Blair, FHC entre outros).

A trégua conseguida pelo capitalismo internacional para, via democrática, ir durante estes anos consolidando a maior destruição de conquistas dos últimos cem anos dos trabalhadores do mundo todo,

chegou a seu fim. Uma onda de protestos, uns globais outros nacionais, indicam um retomada das lutas sociais. Podemos ver isto se analisarmos alguns dos últimos acontecimentos na América Latina.

Em Equador a crise econômica levou à mobilização com derrocada de dois presidentes, e hoje existe um estado de mobilização para resistir à dolarização.

Na Bolívia, um conflito na cidade de Cochabamba onde a população se mobilizou para questionar um aumento no preço da água por parte da empresa privatizada, terminou num conflito generalizado com estado de sítio e detenção de militantes populares. Após sete dias a empresa desiste e o serviço passa a ser administrado pelo poder público, o estado de sítio é levantado e os dirigentes presos são liberados.

Na Argentina a população enfrenta o governo com lutas diárias e variadas, paralisações, greves, bloqueio de estradas numa situação de mobilizações permanentes.

No Brasil, conflitos permanentes ao longo do país, movimentos sociais, indígenas, trabalhadores.

Em todos os lugares, um panorama onde as lutas se incrementam, conjuntamente com a repressão e com ameaças à democracia. Democracia que foi até agora útil ao modelo dominante.

A estabilidade da política econômica no Brasil é efêmera, sustenta-se no modelo neoliberal falido precocemente. Se as tendências dos fluxos de investimento se confirmarem e migrarem para os países centrais, toda esta política vai para o ralo e com ela vão os seus patrocinadores. Se este cenário se consolida, o desafio mais uma vez é o de quem e qual política vai ocupar este lugar.

O governo de FHC se ampara nas diretrizes dos organismos internacionais e na impotência das oposições em garantir uma unidade para construção de uma alternativa ao modelo neoliberal. O calendário político o favorece na medida em que divide as oposições e que lhe dá oportunidade de se rearticular. O que não estava nos seus planos foram os sucessivos protestos iniciados a partir de Porto Seguro, do 1º de maio de ocupações do MST, da greve dos caminhoneiros, greve dos federais. O centro dos protestos se volta contra o acordo com o FMI e as trágicas consequências do mesmo com os cortes nas áreas sociais, reascendendo a bandeira do FORA FMI, FORA FHC.

O governo alimenta alternativas a direita com o endurecimento na interlocução com os movimentos sociais, Lei de Segurança Nacional (LSN), Carandiru para os Sem Terra, punição para os grevistas, polícia para quem reage aos seus ataques chega ao ponto de provocar os movimentos sociais com a presença de autoridades estaduais, a exemplo do Governador Mário Covas, do José Serra, que tomam paulada, ovada e vaias, e não conseguem reverter o desgaste por que passam, nem emplacam o discurso de que a democracia está ameaçada pelas ações praticadas pelos movimentos sociais. Um ovo jogado em um ministro é um ataque a democracia, um sem terra assassinado é apenas um exemplo. Cada vez mais se isola na sociedade que já viu este filme antes, e que não acredita em uma aventura totalitária venha de onde vier. Sem poder queimar seu filme e reunir as condições para tal aventura, FHC prepara uma saída pela via parlamentarista com vistas a perpetuar esta política.

O governo diz ainda que tudo isto que esta acontecendo é fruto da disputa política e não consequência de sua política. Acusa os partidos de esquerda (PT, PC do B, PSTU, PCB e outros) de fomentarem a discórdia, de politizarem o movimento e de ameaçarem a quebra da institucionalidade. Não é verdade. A esquerda tem sido porta voz do movimento, tem lutado pela interlocução do governo com os diversos setores em luta e tem realizado acordo para garantir a institucionalidade do processo eleitoral e da reforma política partidária. De fato quem ameaça é o governo, claramente desesperado com seus baixos índices de popularidade.

Por outro lado, as oposições encontram sérias dificuldades. As eleições/2000 e a corrida à sucessão presidencial de 2002 não se traduz apenas numa mera renovação de lideranças se não fora o desafio de redefinir de forma radical a política no Brasil. Em permanecendo este quadro de protestos cada vez mais crescente, a esquerda tenderá a crescer nas eleições deste ano. O processo de radicalização indicados nas plenárias dos SPFs terão a coordenação do CNUG.

As nossas bandeiras devem estar sintonizadas com os anseios da sociedade, devem traduzir a construção da unidade nacional da luta contra o projeto neoliberal, nisto a nossa greve é vitoriosa, pois contribui decisivamente para o processo de acumulação de forças, temos o apoio do Fórum por Terra Trabalho e Cidadania, apoio da CUT, CNBB, OAB, ABI, UNE, UBES, Partidos Políticos, até

parlamentares da base governista. Portanto nossa política de alianças está correta e devemos mantê-la. Neste aspecto indicamos os seguintes eixos políticos para serem debatidos e referendados nas nossas assembleias de base, que traduzam as nossas necessidades táticas e estratégicas para romper com a "muralha" da intransigência governamental neoliberal e ampliarmos ainda mais o processo de acumulação de forças para a sua superação. Segue:

- NEGOCIAÇÃO, JÁ;
- FORA FHC E O FMI;
- NÃO PAGAMENTO DA DÍVIDA EXTERNA;
- REFORMA AGRÁRIA, JÁ;
- EM DEFESA DOS SERVIÇOS PÚBLICOS;
- GARANTIAS DEMOCRÁTICAS PARA OS MOVIMENTOS SOCIAIS;
- ABAIXO A REPRESSÃO E AS LEIS DE EXCEÇÃO;

Calendário de Atividades

DATA	ATIVIDADES
06/06	Atos em frente aos órgãos da previdência nos estados
08/06	Dia Nacional de Luta e Solidariedade à Greve dos Servidores Públicos por Negociação Já!!!
09/06	Ato na Embaixada Argentina em Brasília e nos Consulados argentinos nos estados
10/06	Plenária Nacional de GREVE da Fasubra
11/06	Plenária Nacional dos SPF em GREVE

Lembrete¹: a lotação da casa da FASUBRA está completa.
Lembrete²: reafirmamos a necessidade do envio imediato do fundo de GREVE.

UnB – Pavilhão Múltiplo Uso - Bloco C - Sala C-1-07 - CEP 70.919-970 - C. Postal 04539 - Brasília - DF

Fones: (061) 349.9151 / 348.2554 - FAX (061) 349.1571

E-mail: fasubra@fasubra.com.br - home page: <http://www.fasubra.com.br>